

Gênero e educação na FaE UEMG pelo Tessituras de Nós: reencantamentos vividos e praticados

31

Ana Paula Andrade¹
Flavia Abrão de Castro Viana²
Karine Luiza de Souza Miranda³

Resumo

Este trabalho apresenta o trabalho de “Tessituras de Nós” - Núcleo de estudos, pesquisa e extensão em gênero e educação da FaE UEMG - e suas produções no II Seminário, ocorrido em 2025 e narra a criação e as práticas do núcleo diante da urgência de discutir suas temáticas. Originado a partir do 1º Colóquio Mulheres da FaE/UEMG (2017) e formalizado em 2021, o núcleo “Tessituras de Nós” atua por meio de pesquisas, extensão e acolhimento, buscando enfrentar a invisibilidade do protagonismo feminino e a violência de gênero nos espaços educacionais. O artigo descreve suas linhas de investigação, ações extensionistas e os dois seminários realizados (2022 e 2025) e, especialmente, apresenta as comunicações realizadas no II Seminário de 2025. As práticas do núcleo fundamentam-se na educação como direito humano fundamental, promovendo (re)encantamentos, experiência de emancipação e resistência em uma sociedade racista, misógina e LGBTQIAPN+fóbica.

Palavras-chave

Tessitura de nós; Gênero; Educação, Produção Acadêmica.

Recebido em: 12.05.2026
Aprovado em: 30.06.2026

¹ Doutora em Educação pelo PPGE FE UFRJ. Mestre em Educação pelo PROPED UERJ. É professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE/UEMG. ana.andrade@uemg.br. <https://orcid.org/0000-0002-8947-2957>

² Mestranda em Educação - Programa de Pós Graduação em Educação e Formação Humana da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE FaE UEMG). <https://orcid.org/0009-0007-9385-4089>, flaviaabrao@gmail.com

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFGM), mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação (PPGEDUC) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). E-mail: karine.miranda.souza@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4421-0360>.

Gender and education at FaE UEMG through “Tessituras de Nós”: lived and practiced reenchantments

Abstract

This paper presents the work of “Tessituras de Nós” – the Center for Studies, Research and Extension in Gender and Education at FaE UEMG – and its productions at the II Seminar, held in 2025, and narrates the creation and practices of the center in the face of the urgency of discussing its themes. Originating from the 1st Women's Colloquium of FaE/UEMG (2017) and formalized in 2021, the “Tessituras de Nós” center operates through research, extension, and support, seeking to confront the invisibility of female protagonism and gender violence in educational spaces. The article describes its lines of investigation, extension activities, and the two seminars held (2022 and 2025), and especially presents the communications made at the II Seminar (2025). The core practices are based on education as a fundamental human right, promoting (re)enchantment, experiences of emancipation, and resistance in a racist, misogynistic, and LGBTQIAPN+phobic society.

Keywords

“Tessitura de Nós”; Gender; Education, Academic Production.

Introdução

Atualmente, forças reacionárias e conservadoras têm atacado as pautas feministas e de gênero tendo-as como inimigas. O direito de decidir sobre o corpo, maiores investimentos públicos para crianças, como creches, e a violência que se alastra pela sociedade, como o feminicídio, são assuntos que os diversos feminismos tendem a discutir em possibilidades de mudanças. É nesse contexto que professoras e estudantes da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG) criam o núcleo de estudos, pesquisa e extensão em gênero e educação, o “Tessituras de Nós”, no ano de 2021

O objetivo desse artigo é apresentar a história do “Tessituras de Nós” e os trabalhos apresentados no II Seminário do núcleo que aconteceu nos dias 30 de setembro e 01 de outubro de 2025, que integram o presente dossiê “Escritas Femininas” da Revista SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia da FaE/UEMG. As ações do “Tessitura de Nós” têm sido uma de resistir e esperar em uma sociedade racista, misógina e LGBTQIA+fóbica, e que nos possibilite compreender os jogos de biopoder⁴ e de necropolítica⁵.

A proposta do núcleo é a de apresentar as ações e as práticas educativas que procuram atuar em uma constante de eventos, estudos, pesquisas, discussões e produções relacionadas às teorias feministas, questões de gênero, história de mulheres, feminismo negro, questões LGBTQIAPN+, mulheres na ciência e educação. As ações nos permitem viver e praticar em um cotidiano de acolhimento de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, sendo a maioria estudantes da FaE/UEMG. Entendemos nossas práticas fundamentadas em uma noção da educação enquanto direito humano além de ser um locus onde conseguimos, em especial, nos acolhimentos e eventos, um outro modo de olhar para este mundo, um outro jeito de estar e fazer ações dentro e fora da academia. Um possível (re)encantamento do fazer praticado e vivido sobre as pautas de gênero e educação.

⁴ Conceito elaborado originalmente por Michael Foucault (1999). o termo refere-se à prática dos Estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos, por meio de uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações.

⁵ De acordo com Achille Mbembe (2018), é uma “política de morte”, na qual grupos de pessoas são colocados pelo Estado em situação de apenas sobreviver nas condições marginalizadas em que se encontram. Na contemporaneidade, há outros mecanismos de extermínio de sujeitos, criando outras formas de vivência social, garantindo, assim, a soberania do Estado.

Para exemplificarmos as ações do “Tessitura de nós” escrevemos esse texto que segue dividido em quatro seções. A primeira conta um pouco da história de como o núcleo “Tessitura de Nós” foi criado; a segunda seção apresenta a “logo” (e como foi pensado o desenho que representa o núcleo) e as linhas de pesquisa que tecem o “Tessituras de nós”. A terceira seção apresenta as ações e atuações do núcleo nesses últimos anos desde sua criação além de apresentar os dois seminários promovidos pelo núcleo, nos anos de 2022 e 2025. Na quarta e última seção, são apresentados os trabalhos produzidos durante o II seminário (2025) que irão compor o dossiê “Escritas Femininas” dessa edição da revista.

Cinco anos do núcleo Tessituras de Nós – o começo, entre ações e práticas

Não se pode afirmar existir um padrão universal para comportamentos sexuais ou de gênero que seja considerado normal, certo, superior ou, *a priori*, o melhor. Somos nós, mulheres, homens, e pessoas não binárias, pertencentes a distintas sociedades, em diversos tempos históricos e contextos culturais, que estabelecemos modos específicos de classificação e de convivência social (Heilborn, Araújo, Barreto, 2010).

Por isso, pensar o conceito de ser e fazer-se mulher, gênero(s), diversidade sexual e sexualidades é também analisar as diferenças e as desigualdades que são produzidas; investigar como os diversos construtos tanto de masculinidade quanto de feminilidade são criados na articulação com outras diferenças. Sobretudo, como essas noções, nas palavras de Adriana Piscitelli (2009), se embaralham e misturam no corpo de todas as pessoas, inclusive aquelas que, como intersexos, travestis e transexuais, não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres.

Voltando no tempo, no ano de 2017, iniciamos os debates sobre gênero e educação com o 1º “Colóquio Mulheres” da FaE/UEMG. O evento foi realizado por uma coordenação feminina, com apoio técnico também feminino, e apresentado, especialmente, ao público discente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UEMG, que é majoritariamente composto por mulheres. O “Colóquio” surgia em meio a uma invisibilidade do protagonismo feminino na própria faculdade; propunha também uma reflexão sobre a questão da violência de gênero nos espaços educacionais. A finalidade do “Colóquio” foi a de debater o aumento e a visibilidade na mídia da violência contra a mulher, em

específico, na educação. Violência que se manifestam através de assédio moral, violência física, subjetiva e simbólica, o que levou à necessidade de se discutir seriamente essa questão que afeta não só as mulheres diretamente envolvidas, mas também a sociedade como um todo. O “Colóquio Mulheres” teve 03 (três) versões atuando nos anos de 2018, 2019 e 2021.

Com o fim do Colóquio, no início de 2021, as professoras Daniela Passos e Ana Paula Andrade, então, organizadoras do Colóquio, se reuniram para pensar em um núcleo de gênero e educação na FaE/UEMG que continuasse os debates iniciados no “Colóquio Mulheres” Empenhadas nesse desejo coletivo de construir uma FaE mais diversa as professoras convidaram outras colegas para fazerem parte do núcleo. Assim, Glaucia Soares, Fernanda Aires, Magda Guadalupe dos Santos, Rogéria Cristina Alves, Janice Aparecida de Souza, Ludmila de Almeida Freire e Cirlene Cristina de Sousa da FaE e Renata Garcia da unidade de Ibirité aceitaram a ideia e nos ajudaram a constituir o núcleo. E em abril de 2021 fizemos a inscrição no CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas - do *Tessitura de Nós*: núcleo de estudos, pesquisa e extensão em gênero, sexualidade e educação e iniciamos nossos trabalhos⁶

A finalidade do núcleo tem sido o de pesquisar, discutir, estudar e produzir pontos importantes sobre a situação de espaços sociais diferenciados entre os gêneros. “Tessitura de Nós” também tem tido a atribuição de produzir, desenvolver e acompanhar estudos, pesquisas e projetos de extensão relacionados às questões de gênero, história de mulheres, feminismo negro, questões LGBTQIAPN+ e educação.

Para tanto, nossa proposta de (re)encantar, a partir das dinâmicas de gênero, tem sido dirigida a estimular ações de práticas educativas menos preconceituosas e mais generosas com *todes* que fazem parte do núcleo ou que são de alguma forma, afetadas por suas ações. A seguir, iremos apresentar a logo, as linhas que compõem o núcleo, as atividades e as pesquisas sobre gênero e sexualidades que são desenvolvidas.

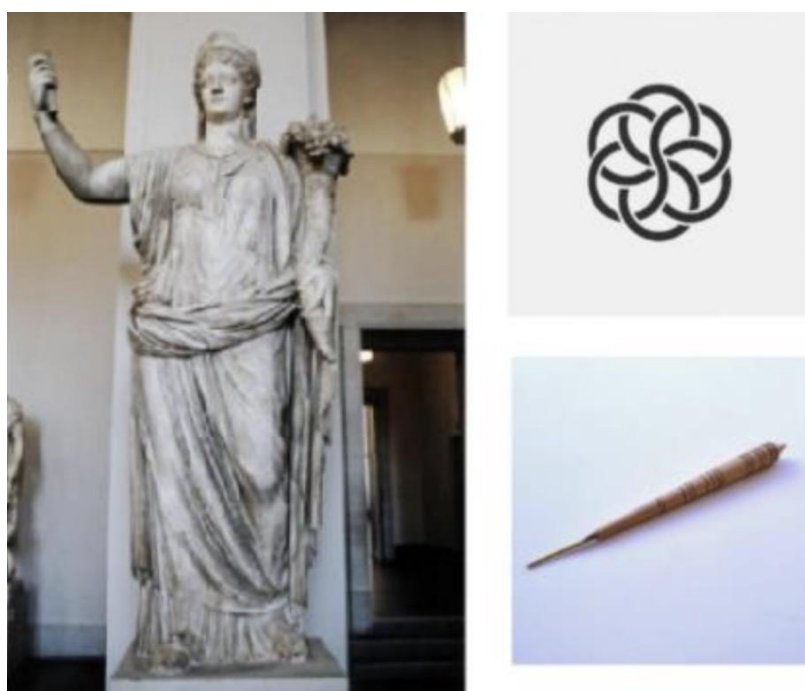
⁶ Link de acesso ao diretório do núcleo Tessitura de Nós:
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/726555>

A logo e as linhas que tecem o “Tessitura de nós”: história e entrelaçamentos

A identidade visual do “Tessituras de Nós” foi elaborada com o objetivo de comunicar com o nosso público-alvo de forma organizada, dinâmica e lúdica. Deste modo, em todas as comunicações envolvendo o núcleo, empregamos os elementos formais que representam a nossa identidade. E claro, nossa logo tem um significado que diz muito sobre o tecer entre gêneros: O nó celta representa a ausência do início e do fim. Simboliza a interconectividade da vida. Agulha tecelã é símbolo de poder. Essa agulha também era usada como “arma feminina” nas disputas domésticas como meio de sustento para mulheres tecelãs. Deusa do destino: mãe das Moiras – tecelãs do tempo do destino. O sol, a lua e os planetas eram suas espirais de fuso. Assim, a união desses símbolos representa o poder, a força e o sagrado feminino.

36

Figura 1 - Logotipo do *Tessituras de Nós*



Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

Além da nossa identidade visual, dentro do núcleo, buscamos definir nossas pesquisas através das linhas de investigação, tendo como a grande área de concentração as questões sobre Educação e Gênero. E sabemos que definir uma abordagem investigativa não é tarefa fácil. Ainda mais quando envolve um número significativo de pesquisadoras com temáticas de pesquisas e ações

diversas. Mesmo assim, conseguimos tecer um conjunto temático de proposições, que levou em conta não apenas a grande área de concentração, mas também a trajetória acadêmica das pesquisadoras.

As 06 (seis) linhas que nos representam são:

Quadro 1: Linhas de pesquisa

História das Mulheres e Educação	O movimento feminista vem reconhecendo como sendo de fundamental importância o campo da Educação para a potencial transformação das desigualdades entre homens e mulheres, propondo uma educação não sexista. Nesse sentido, a linha se refere às relações educativas e as mulheres, Como eixo temático se faz necessário entender o processo de formação da História das Mulheres e suas lutas cotidianas, incluindo o campo da educação. História. História de mulheres. Relações de poder. Subjetividades. Instituições. Corpo. Movimentos sociais. Política. Políticas públicas. Luta feminina. Condição feminina. Opressão feminina.
Feminismo negro	Feminismo negro. Autoras negras. Interseccionalidade. Raça. Classe. Gênero. Corpo. Movimentos sociais. Lutas. Produção Acadêmica de mulheres negras. Solidariedade feminista
Teorias feministas e questões de gênero	A linha desenvolve, por meio da perspectiva feminista, estudos e pesquisas crítico-reflexivas, considerando o poder e a norma enquanto elementos construtores e mantenedores das hierarquias de gênero e sexualidade. Refletirá sobre as tramas e intersecções com outros marcadores sociais que alicerçam o lugar de subalternidade relegado às mulheres na cultura patriarcal e heterocêntrica. Teorias feministas. Teorias de gênero. Crítica às sexualidades heterocentradas.
Pensamento contracolonial e decolonial - gênero e educação	Pensa relações de mulheres e pessoas cuja identidade e/ou performance de gênero e/ou orientação sexual divergem da heterocisnormatividade a partir do acesso e permanência à educação e aos aparatos sociais de cidadania. Aborda a formação contínua de trabalhadores culturais (servidores públicos da segurança, educação e saúde, demais trabalhadores e trabalhadoras que atendam ao público) e o acolhimento às vítimas de violências. Ao estudar as relações estabelecidas, considera a interseccionalidade com racismos, capacitismos, questões geracionais e demais configurações de violência em ambientes educacionais formais e informais, analisando os processos de ensino-aprendizagem envolvidos, pensando alternativas e fazendo intervenções via ações de extensão com órgãos públicos, entidades civis e movimentos sociais.

Currículos, gêneros e sexualidades	A linha de pesquisa “Currículos, gêneros e sexualidades” objetivos pesquisar e estudar questões da área de currículo em diálogo com as questões de gêneros e sexualidades. Currículo. Gêneros. Sexualidades. Resistências. Poder. Corpos e intersecções. Subjetividades. Territórios disputados e desterritorializações de gênero. Estudos do gênero a partir dos documentos educacionais. Questões de gênero na Educação Básica. Questões de gênero no Ensino Superior. A construção social de gênero nos materiais didáticos. Gênero nas relações escolares. Formação de professoras, práticas docentes e questões de gênero.
Mulheres e ciência	Discriminação e desigualdade de gênero em ambientes de produção científica. Maternidade na academia. Efeito tesoura na academia. Assédio e violência na academia. Estratégias para o enfrentamento da discriminação de gênero. Divulgação científica de mulheres cientistas. Fortalecimento de trabalhos que incentivam as meninas e mulheres na ciência.

Fonte: produção das próprias autoras

Tecendo conhecimento, práticas e vivências

A universidade pública é um importante espaço de produção, acumulação e disseminação de conhecimentos. Ela se fundamenta em três bases inter-relacionadas: ensino, pesquisa e extensão.

O processo de produção do conhecimento passa necessariamente pela pesquisa. Ela tem como meta gerar um novo saber e ou afirmar/negar um saber já existente. É um procedimento que envolve a aprendizagem, tanto do pesquisador/a quanto da sociedade em que está envolta a pesquisa. E pesquisar no campo de Educação e Gênero é buscar entender, analisar e identificar as atitudes discriminatórias e propor métodos e ações que possam transformar uma sociedade, tornando-a democraticamente mais inclusiva e socialmente igualitária.

Dessa forma, as pesquisadoras do núcleo “Tessituras de nós” buscam descobrir algo novo, ou para corroborar ou refutar algo já conhecido. Através de perguntas, análises de dados e metodologia científica podemos enxergar nos resultados da pesquisa algo que possa proporcionar possibilidades benéficas para todas, todos e todes. Além das publicações, uma forma de escrever sobre datas,

eventos e ações que remetem a resistência e luta das mulheres em prol de justiça social e de uma sociedade mais justa e democrática, as autoras se utilizam também das redes sociais para tais divulgações⁷.

Além da pesquisa, o núcleo atua também na Extensão Universitária. A extensão é a ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social.

Na UEMG, a Extensão Universitária é um conjunto de processos educativos, culturais ou científicos, muitas vezes interdisciplinares, que, articulados ao Ensino e à Pesquisa, produzem conhecimento por meio de ações dirigidas a estudantes, professores e à comunidade em geral. Assim, a extensão é responsável por estreitar a distância entre Universidade e comunidade, abrindo uma via de mão dupla. Nela, a comunidade em que a Universidade se insere passa a participar da vida acadêmica. Por outro lado, a própria vida acadêmica passa a nutrir-se dos materiais de que dispõe a comunidade que a acolhe. É esse trânsito de saberes que viabiliza uma relação transformadora entre a UEMG e as diferentes regiões do estado de Minas Gerais onde se situam suas Unidades Acadêmicas. (Pro Reitoria de Extensão UEMG)⁸.

No campo da Educação e Gênero, o núcleo “Tessituras de Nós” desenvolve alguns projetos de extensão, sendo eles: Clube Todo Seu; Mães na maternidade; UEMG vai as escolas; entre outros.

E para consolidar essas pesquisas o núcleo também vem tecendo seminários. O I Seminário do “Tessituras de Nós” aconteceu entre os dias 21 a 23 de setembro de 2022 na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. O evento teve por objetivo discutir, estudar e produzir pontos importantes sobre a situação de espaços sociais diferenciados entre os gêneros. E contou com mais de 300 participantes, 12 palestrantes e 8 mediadores/as, além de uma equipe de “apoio” que envolveu mais de 30 estudantes do curso de pedagogia e do mestrado em Educação da FaE/UEMG.

⁷ Link de acesso ao site do núcleo “Tessitura de Nós”:

<https://www.tessiturasdenos.com.br/publicacoes/>

Instagram do núcleo: @tessiturasdenos

⁸ Site: <https://www.uemg.br/component/content/article/100-proex/apresentacao-proex/167-proex?Itemid=437>

Figura 2 - Programação do I Seminário



Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

Figura 3 - Programação do I Seminário



Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

O segundo Seminário em foco: tecendo artigos.

O II Seminário "Tessituras de Nós", realizado nos dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2025, constituiu-se como um importante espaço de formação, produção de conhecimento e diálogo entre a universidade e a sociedade, tendo como objetivo central promover reflexões críticas sobre as questões de gênero em suas múltiplas dimensões. Organizado a partir de uma perspectiva interdisciplinar, o evento buscou fomentar debates que articulassem os campos da educação, dos direitos humanos, das relações étnico-raciais, das identidades, das sexualidades e das políticas públicas, reafirmando o compromisso da universidade com a promoção da equidade, da justiça social e do respeito à diversidade.

Ao longo de sua programação, o seminário reuniu pesquisadoras(es), docentes, estudantes, profissionais da educação, representantes de movimentos sociais e membros da comunidade externa, proporcionando um ambiente fértil para o compartilhamento de pesquisas, experiências, práticas pedagógicas e vivências que contribuem para o enfrentamento das desigualdades e das diferentes formas de discriminação presentes na sociedade contemporânea. As mesas-redondas, conferências e momentos de debate favoreceram a construção coletiva de conhecimentos e fortaleceram redes de colaboração entre diferentes instituições e sujeitos comprometidos com uma educação democrática e inclusiva.

Figura 4 - Programação do II Seminário 2025

II SEMINÁRIO TESSITURAS DE NÓS

Mesa: Tessituras do Feminino - entrelaçamento de cuidados em saúde mental
Horário: 08h30 às 11h | Local: auditório

Joelma Andrade
Palestra: Docentes-mulheres-pesquisadoras-mães-filhas: da prática ao sofrimento mental.

Luana Carola
Palestra: Desigualdades de gênero no MAPA Autismo Brasil 2025.

II SEMINÁRIO TESSITURAS DE NÓS

Cronograma de comunicação oral
Data: 30/09 | Horário: 14h às 16h | Sala: 510

AUTORAS	TÍTULO DO TRABALHO
Juliana França Marques Lemos e Sileny Aparecida Araújo Dias	Observatório da violência doméstica de Belo Horizonte: os desafios do trabalho em rede
Juliana França Marques Lemos e Lucio Alves de Barros	Racismos Históricos e a Invisibilidade de Gênero: o Sistema Socioeducativo
Kelly Natália dos Santos	Mulheres de Povo e Comunidades Tradicionais: Educação Sexual, Representações e Invisibilidades e Materiais Didáticos
Tânia Cristina Guimarães Reis Campos e Inês Maria Ribeiro Reis Campos	Gênero e formação docente em Matemática: o estudo a partir da UEMG Santa

II SEMINÁRIO TESSITURAS DE NÓS

Comunicação oral
Data: 30/09 | Horário: 16h às 18h | Sala: 510

AUTORAS	TÍTULO DO TRABALHO
Fernanda Aparecida de Sousa e Juliana Conrado Soares Branco	Educação Interseccional e decolonização dos currículos: experiência docente e o ensino das diversidades
Fernanda Batista Moreira de Andrade e Marcus Antônio Torres	Professoras de cunhas e suas problematizações: entre o cotidiano cotidiano e "o pedagógico"
Isabela Fernandes Lemos e Regina Cristina Alves	Tessituras da Memória: o materialização da experiência e do sentido na disciplina de História na Educação Básica
Ribeira Lemos Leal Lopes, Cleusa de Fátima Moreira Lemos e Regina Cristina Alves	Entre representações e silêncios: uma análise acerca dos catálogos de gênero, classe e raça dos bens culturais de História dos Anos Iniciais

II SEMINÁRIO TESSITURAS DE NÓS

LANÇAMENTO DO LIVRO
Desfazer uma imagem do passado: a escrivência como construção futura
Data: 30/09 | Horário: 18h às 19h30 | Local: hall auditório

Arleam Dias
Autora da obra

Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

O evento contou com a participação de importantes referências nacionais, entre elas Conceição Evaristo, cuja trajetória intelectual e literária constitui um marco na valorização das experiências e narrativas da população negra brasileira, e Áurea Carolina, reconhecida por sua atuação política e social em defesa dos direitos humanos, da justiça social e da participação cidadã. A presença dessas mulheres ampliou a potência dos debates, proporcionando reflexões profundas sobre os desafios contemporâneos relacionados às questões de gênero, raça, classe, territorialidade e educação.

Figura 5 - Programação do II Seminário 2025



Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

Com um público superior a 300 participantes, entre presenciais e inscritos na modalidade on-line, o seminário ampliou significativamente seu alcance por meio da transmissão ao vivo realizada pelo canal do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) no YouTube. Essa estratégia possibilitou a participação de pessoas de diferentes regiões do país, democratizando o acesso às discussões e ampliando a circulação dos conhecimentos produzidos durante o evento.

Figura 6 - Programação do II Seminário 2025



Fonte: arquivos do núcleo Tessituras de nós

Durante o II Seminários (2025) tivemos produções importantes para o campo da Educação e Gênero e que seguem agora como parte da seção “Escrita Feminina” da Revista SCIAS. A coletânea de estudos ora apresentada reflete um esforço interdisciplinar voltado para a desconstrução de silenciamentos históricos e a promoção de uma educação pautada na diversidade e na justiça social. No conjunto de textos, demonstrativos da produção teórica do II Seminário, evidenciam-se várias produções, a serem ora indicadas.

Destaca-se o artigo da Escritora Conceição Evaristo, versando sobre a *Escrevivência*, ligada ao corpo feminino negro, em especial, ao corpo das mulheres escravizadas e, particularmente, à figura da Mãe Preta, como imagem-gênese que se demonstra como elemento fundamental da cultura brasileira.

Também se realça no conjunto de artigos, o texto resultante de palestra da Professora Constância Lima Duarte (UFMG), em que se analisa “O apagamento da literatura de autoria feminina no Brasil”. Seu objetivo é o de mostrar o combate ao “memoricídio” literário que excluiu mulheres do cânone nacional, utilizando como metodologia a pesquisa documental em acervos dispersos e a revisão crítica da historiografia tradicional de perspectiva masculina.

No âmbito da educação básica e da extensão universitária, destacou-se no Seminário o Programa Maternidade, Adolescência e Escola (MAE), uma parceria entre a Feira Mineira de Iniciação Científica (FEMIC) e a Faculdade de Educação

da UEMG. O artigo temático de autoria da professora Glaucia Barbosa, tem como objetivo central a proposta de educar adolescentes e docentes sobre gênero e maternidade, buscando prevenir a gravidez precoce e combater a evasão escolar de jovens mães. Metodologicamente, o artigo configura-se como um relato de experiência sobre a criação de uma plataforma digital gratuita que disponibiliza recursos didáticos como *podcasts* e sequências didáticas, além de coletar dados através de um formulário de "Relato de Experiências" para fundamentar investigações futuras sobre a aplicação dessas práticas no cotidiano escolar.

A saúde mental no ambiente acadêmico é abordada na pesquisa da professora Joelma Silva Andrade, intitulada "Docentes-Mulheres-Pesquisadoras-Mães-Filhas: Da Práxis ao Sofrimento Mental". Este estudo tem como objetivo analisar como a intersecção entre o produtivismo acadêmico e as imposições de gênero gera adoecimento e sofrimento psíquico em professoras universitárias. Para isso, adotou-se uma metodologia qualitativa e descritiva sob a perspectiva da antropologia médica, realizando-se entrevistas semiestruturadas com seis docentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para captar as percepções sobre a sobrecarga da "quádrupla jornada": ensino, pesquisa, extensão e gestão; e seus impactos na vida privada.

Ainda sobre o debate referente a saúde mental, gênero e educação o texto "Mapa Autismo no Brasil (MAB): Notas sobre desafios e potencialidades no diagnóstico de mulheres" da professora Luana Carola tem como objetivo apresentar dados do Mapa Autismo no Brasil, com enfoque na dimensão do diagnóstico tardio em mulheres e meninas. O MAB foi divulgado pelo Instituto Autismo em nove de abril de 2026, e é considerado a primeira pesquisa não-governamental sobre o perfil da população que está dentro do espectro no território brasileiro. Dentre tantos dados importantes sobre acesso a terapias, dificuldades de acesso aos SUS, aspectos associados aos marcadores de raça e classe, o texto se debruçará sobre os critérios diagnósticos do TEA em mulheres. Para isso, a professora Luana se debruça sobre os marcos históricos do TEA, e a importância dos trabalhos de autoras como Temple Grandi e Judy Singer para ampliar notas conceituais sobre o espectro em mulheres.

A análise crítica dos materiais didáticos constitui outro eixo fundamental do seminário e que se apresenta nesta seção exemplificada pelo trabalho desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia da FaE/UEMG sobre as representações de gênero, classe e raça em livros de História do 4º ano, escrito

pelo professor Francisco Martins e as discentes Pâmella Lopes e Cleusa Firmino. O estudo busca identificar como sujeitos plurais são retratados, questionando se as obras reforçam estereótipos de subalternidade ou promovem a equidade. A metodologia empregada foi a análise documental qualitativa de três coleções aprovadas pelo PNLD (ciclo 2019-2022), utilizando a interseccionalidade como ferramenta analítica central para compreender o entrecruzamento das opressões.

A perspectiva histórica e decolonial é aprofundada pela professora Daniela Passos em sua investigação sobre “O ‘ser mulher’ na *Revista Feminina*: entre 1914 e 1920”. O artigo objetiva problematizar o discurso eurocentrado e a “colonialidade do ser” difundidos pelo periódico, que impunha um modelo universal de feminilidade branca e elitizada. Metodologicamente, a pesquisa utilizou o impresso como fonte principal, realizando uma leitura flutuante seguida da organização de categorias temáticas analisadas à luz da história da educação e da teoria decolonial.

Nesse cenário, para reforçar e pensar a escrita de si o texto da professora Magda Guadalupe, “A representação da escrita de si em Simone de Beauvoir”, analisa pensamento e escritos de Simone de Beauvoir, especialmente, aqueles denominados como escritos memorialísticos, e sua relação com Movimentos sociais e políticos de Mulheres, a partir da Segunda Onda Feminista, buscando-se, sobretudo, o diálogo com os temas centrais de “O Segundo sexo”. Magda Guadalupe examina a relação entre memória e escrita e as experiências vividas, o ato de escrever correspondente à própria ação de viver; questionando os efeitos, tanto dos escritos de Memórias quanto dos ensaios filosóficos junto à pesquisa, inclusive no cenário ético e formativo brasileiro. Outrossim, o texto procura verificar se os manuscritos autorais de Beauvoir encontram correspondência e justificação nos novos meios tecnológicos de pesquisa de escrita e se estes atendem às necessidades cognitivas e desiderativas do eu-narrador da escrita autobiográfica na atualidade.

Já a dimensão da violência de gênero e racial é examinada no estudo “Às bruxas, a fogueira!”, desenvolvido no curso de História da FaE/UEMG e escrito pela professora Rogéria Alves juntamente com as/os discentes Mauricio Abraão Barreto e Paula Gabriele Oliveira. A pesquisa objetiva analisar as acusações de bruxaria contra mulheres negras na Minas Gerais colonial como mecanismos de controle social e patriarcal. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico fundamentada na História Cultural e na

interseccionalidade, estabelecendo diálogos comparativos com casos contemporâneos de perseguição religiosa e feminicídio no Sul Global.

E, finalmente, o texto “Educação intercultural e descolonização dos currículos: experiência docente e suas relações com as diversidades no ensino fundamental II, na cidade de Confins-MG” de autoria da discente Fernanda Aparecida de Souza juntamente com a professora Juliana Cordeiro Soares Branco aborda a educação intercultural e a descolonização curricular nos anos finais do Ensino Fundamental. O objetivo é analisar os desafios para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas que valorizem a diversidade étnico-racial, religiosa e de gênero. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, envolvendo revisão bibliográfica, análise documental de legislações e Projetos Político-Pedagógicos, além da aplicação de questionários a 24 profissionais da rede pública de ensino.

Por fim vale reiterar que a explanação temática acerca de “Tessitura de Nós”, que integra esta seção da “Escrita Feminina” da Revista SCIAS, também se destaca pela produção acadêmica de comunicações, tais como as proferidas durante o II Seminário ocorrido em 2025. Os artigos se caracterizam por produções interdisciplinares, que buscam enfrentar silenciamentos históricos e promover uma educação pautada na diversidade e na justiça social.

Considerações Finais

O percurso traçado nesse texto, desde o 1º “Colóquio Mulheres” (2017) até a formalização e consolidação do núcleo “Tessituras de Nós” (2021) e a realização do seu II Seminário (2025), evidencia a potência de um fazer acadêmico que recusa o isolamento e a neutralidade. Em um contexto de avanço de forças reacionárias que tentam silenciar as pautas de gênero, feministas e LGBTQIAPN+, a existência e a atuação do núcleo constituem, por si mesmas, um ato de resistência e (re)encantamento.

As ações descritas que articulam ensino, pesquisa e extensão por meio de linhas de investigação consolidadas (como História das Mulheres, Feminismo Negro, Teorias Feministas e Pensamento Decolonial), projetos de pesquisas e extensionistas (além de dois seminários de grande alcance) demonstram que é possível construir outro modo de habitar a universidade. Um modo que acolhe, que forma, que produz conhecimento comprometido com a justiça social e que

devolve à comunidade práticas educativas mais generosas, plurais e antidiscriminatórias.

Os vários trabalhos então no II Seminário e agora reunidos na seção "Escrita Feminina" da Revista SCIAS, são a materialização concreta dessa proposta. Em sua diversidade temática destacam-se abordagens acerca de saúde mental de docentes-mães-pesquisadoras, representação de mulheres indígenas e quilombolas em livros didáticos, violência de gênero e racismo na colonialidade, apagamento da literatura feminina, educação intercultural e descolonização curricular, em que se analisam desigualdades estruturais, oferecendo pistas, caminhos e esperanças concretas para uma educação verdadeiramente democrática.

Assim, o Núcleo de Pesquisa "Tessituras de Nós" reafirma seu compromisso com a educação como direito humano fundamental, com o enfrentamento à LGBTQIAPN+fobia, ao racismo, ao feminicídio e a todas as formas de violência que atingem corpos dissidentes. Seguimos tecendo, pois, a tarefa está longe de terminar: há muitos nós a desfazer, muitos fios a conectar e muitas vidas a acolher. O conjunto de artigos que integram a seção "Escrita Feminina" certifica sua produção acadêmica e serve também como fio condutor para que outras e outros se juntem a essa tessitura coletiva, em que o (re)encantamento como prática cotidiana e a luta por uma sociedade mais justa sejam sempre horizontes inegociáveis.

Referências

FOUCAULT, Michel. *A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; Andreia, BARRETO. Políticas públicas e gênero. In: *Gestão de políticas públicas em gênero e raça*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de políticas para as mulheres, 2010.

MBEMBE, Archile. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. 2. ed. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de, SZWAKO, José. *Diferenças, igualdades*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-149.